Salomão Rovedo

Imagem: Moby Dick

O doce olhar das baleias

(história de pescador)

Rio de Janeiro

2018

Salomão Rovedo

Para Calian ler.

O doce olhar das baleias

(história de pescador)

*

"Um dos arpoadores contou-me haver apanhado uma baleia em Rio Tinto, **costæ brasiliensis*****, que era toda branca e seus olhos feiticeiros eram de cor azul, mais azulado que o céu sem nuvens".***

Harry Collins- Uma viagem à Antarctica, 1671

Rio de Janeiro

2018

-Um-

Numa noite de verão, Izidro Pires tirou os chinelos e sentiu a umidade fresca da areia molhada vasculhar as solas dos pés. Espantou para o lado alguns ramos de algas trazidos pelas ondas e começou a arrumar a tralha de pesca na lateral da pedra branca, protegida do vento ansioso e fresco, como fazia há tempos. Deitou no chão a mochila com pertences pessoais: trazia água, comidinha rápida, garrafa de cachaça, cigarros, uma trouxinha de maconha. Arriou também a caixa de pesca, separou o alicate, a base da espera, uma velha tesoura, a faca usada para preparo da isca, uma toalha pardacenta usada para limpar as mãos. Completava a tralha um balde de plástico pequeno e vários saquinhos com anzóis, chumbada, guias e linhas. Depois de tirar tudo emborcou a caixa na areia para secar. Ela serviria ainda para guardar a isca e os pescados.

Naquele local, a escuridão dominava a praia deserta, mas cerca de quilômetro e pouco ao longe dava para ver alguns banhistas noturnos aproveitando-se da iluminação da avenida beira-mar para espantar o calor de verão. Banhistas noturnos são formados de famílias de trabalhadores, gente simples, em cujo cotidiano não sobra tempo para usufruir o lazer das praias. Rapazes e moças jogavam bola, futebol, vôlei, enquanto as crianças saltavam nas ondas que morriam na areia. As mães, parentes e amigos, sentados em cadeiras de lona, se juntavam em roda de conversa e dali dominavam com gritos a insegurança travessa das crianças mais afoitas que ousavam se aventurar alguns metros no mar além da praia.

A qualquer momento alguém poderia vir até a caixa de mantimentos para se servir de água ou pegar um sanduíche de mortadela para aplacar a fome. Era o lanche rápido que recobrava energias para continuar os exercícios, o futebol, as braçadas nas ondas revoltas.

A praia do Recreio sempre foi perigosa: de hora em hora as correntezas mudam de direção, com isso constroem canais cuja profundidade de dois metros será suficiente para arrastar ao fundo e para longe os mais desavisados. Muitos incidentes dessa natureza ocorrem ali, ocasionando afogamentos. A maioria das vítimas é de turistas e frequentadores ocasionais que, enfeitiçados pela beleza do mar, se atiram rumo ao desconhecido. Quando o salva-vidas chega a tempo tudo não

passará de um susto que será narrado nas rodas de amigos, mas se não houver socorro perto, o desfecho será trágico.

Esse foi uma das razões para Izidro ter escolhido aquele lugar, mais perigoso ainda, onde não era permitido banho de mar. Por esse e outros motivos o lugar tinha sido transformado em reserva ambiental. As bandeiras vermelhas se espalhavam por toda extensão de quase um quilômetro, alertando e espantando qualquer aventura ao perigo. No entanto, cariocas praieiros, sabendo disso, escolhem a Praia da Reserva para aproveitar o isolamento, fugindo dos locais entupidos de gente, de crianças jogando bola, dos importunos vendedores e ambulantes ruidosos. Ali as pessoas se banham nos chuveiros improvisados, nas piscinas formadas na areia pela arrebentação das ondas ou em água trazida da praia em garrafas e baldes.

Velho conhecedor do mar e das praias Izidro sabia escolher o lugar e hora certos para pegar corvina, robalo ou peixe espada nas praias, sem tirar o pé do chão. A regra imprescindível: a pesca não pode ser em praia rasa. As preferíveis são as chamadas praias oceânicas, onde a areia desce súbito dois ou três metros, assustando e trazendo perigo aos banhistas desavisados. Mas em geral essas praias estão coalhadas de aviso sobre correntezas e desvãos perigosos. Ali a pescaria é sempre produtiva.

Estando com a vara, linha e anzol já prontos, Izidro só precisava da isca para começar a pescaria. Isso ele conseguiria cavoucando locais onde pequenas borbulhas saíam da areia e logo suas mãos se encheriam de tatuí, minhoca de praia e corruptos – mais raros – que se denunciam pelo buraco meio rasgado que deixam na areia ao se mover na pressa de escapar. Izidro preparou a isca, reforçando a pega com um nó de náilon para o corrupto não escapar durante o arremesso, e atirou a linha. Depois de fixar a vara na espera foi preparar o segundo arremesso – como sempre fazia para garantir pesca boa e rápida. Desta vez usou tatuí: repetiu o mesmo ritual, atirou a linha, fincou a espera na areia.

Só então se sentou, recostando-se na pedra branca. Puxou a mochila, vasculhou o interior com as mãos, preparou um cigarro de maconha, acendeu e começou a fumar despreocupado. No céu as estrelas se espraiavam anunciando a noite clara, sem nuvens, sem chuvas – tempo ideal para a pesca de praia. À distância, já bem longe, ele viu um alvoroço maior onde se aglomeravam os banhistas noturnos, sem pressentir a causa. Mas bem que poderia alguém ter-se afogado. De qualquer modo, o

que quer que tenha sido amanhã Izidro saberia de tudo, porque estaria nas notícias dos rádios, jornais e TV.

Na beirada das ondas que viravam à sua frente miríades de manjubinhas nadavam velozes em idas e vindas se alimentando de plâncton e micro-organismos, outro prenúncio de boa pescaria. Em noites de sorte, antes do sol raiar Izidro já estaria em casa com três ou quatro quilos de peixe, garantindo refeição para a semana e com os excedentes conseguiria um dinheirinho extra na venda para restaurantes. Se fosse presenteado por algum robalo, aí então seria melhor.

Izidro dormitava. De repente ouviu o sibilo quase imperceptível que a linha produz ao cortar a água. A vara balançava ao sabor do repuxo, de um lado para outro. Izidro pegou o molinete, sentiu o peso da pesca e começou a recolher a linha: alguns minutos depois tinha a corvina nas mãos. As escamas prateadas rebrilhavam como luz na escuridão. Izidro sopesou o peixe e calculou o peso em cerca de dois quilos e meio. Nada mal. Mais duas vezes Izidro teve que agir rápido, correndo de vara em vara para recolher a pescaria. Era comum que isso ocorresse, quando se tratava da passagem dos cardumes pelo local.

Izidro olhou o relógio e reparou que o tempo avançara muito. O cochilo, que chegava a qualquer momento e o peso da idade não conseguia evitar, encurtava a noite. Nessa hora a praia deveria estar completamente deserta, ou quase, mas o que ele viu é que ao longe o burburinho de pessoas aumentara. Ao longo da orla havia um aglomerado anormal de gente. Além do mais, havia dois veículos do corpo de bombeiros estacionados ao longo da calçada que piscavam as luzes intermitentes. Izidro pensou o pior: afogamento com morte. No dia seguinte, enquanto preparava o peixe, ele ouviria a confirmação da notícia pelo rádio. Ficou triste e pegou rumo para casa na estrada deserta.

A meio caminho de casa acabou por se encontrar com outros pescadores noturnos que também voltavam cada qual com a colheita guardada em caixas térmicas. Izidro Pires, conhecido desde Grumari, todo o Recreio e Barra, era cumprimentado e saudado. Um deles, Silvino, emparelhou ao lado dele querendo saber da pescaria:

– Pra mim só deu Corvina – disse-lhe Izidro – quatro. Seis a sete quilos. Dá pra toda semana.

– Estou aqui com três Peixes-espada. Não quer trocar um deles por uma Corvina? – Silvino mostrou a pesca: o prateado do peixe espada rescendeu na escuridão.

– É bom variar o paladar, não é?

A explicação não servia para Izidro. Ele conhecia bem o Peixe-espada. Embora a Corvina tivesse melhor fama que o Peixe-espada, Izidro concordou e fizeram o escambo de modo pacífico. Silvino era inexperiente e é provável que fosse como muita gente que pesca Peixe-espada e não sabe o que fazer com ele. Mas era peixe fácil de limpar e talhar.

Primeiro, tem que raspar o aço, que é impermeável. A pele fica opaca, o peixe perde o charme, mas incorpora melhor o tempero. Depois tira fora a barbatana dorsal que se solta como um zíper, puxada de uma só vez. Descartados a cabeça e o rabo, é só cortar em pedaços generosos, temperar e fritar na frigideira ou assar em braseiro. Não tem mistério.

Depois a conversa voltou aos temas triviais. Izidro aproveitou para perguntar a Silvino sobre o rebuliço que se formava lá pelas bandas da Praia da Barra:

– Não tá sabendo? Uma baleia jovem, de quinze a vinte toneladas, encalhou. Bem ali, entre a Barra e o Recreio.

– Coitada. Baleia quando encalha se salva uma em dez.

– Às vezes se salva, às vezes não se salva...

– Sim, às vezes se salva, mas a maioria não resiste. É um mistério, mas os cientistas botam culpa na poluição. A quantidade de lixo que eles encontram no estômago das baleias mortas encalhadas é alarmante.

– Às vezes se salva, às vezes não se salva... Você lembra? Em outubro, uma Jubarte foi encontrada quase morta em Arraial do Cabo. Após enorme esforço conseguiram devolver a baleia ao mar. De nada adiantou, no dia seguinte ela reapareceu na Praia do Pontal e dessa vez não teve jeito. Chamam de baleia suicida.

– Ali mesmo em Ipanema não encalhou a carcaça de outra Jubarte? A bichona já estava morta há dias e foi atirada pela arrebentação nas

areias entre os postos 8 e 9, altura da Farme de Amoedo. Deu um trabalhão danado limpar a areia de todos os detritos e sangue, para deixá-la clara e sem ficar mau cheiro.

– Na Praia do Sul, na Ilha Grande, que é um lugar lindo, águas límpidas, de difícil acesso, reserva biológica. Por ali não se vê poluição alguma. Pois não é que uma baleia, não sei se Jubarte, encalhou e duas semanas depois morreu? Mesmo assim dezenas de pessoas tentaram salvá-la, mas a força da arrebentação dificultou tudo e a coitada não resistiu.

– Outra foi encalhar logo em Sepetiba, depois da Restinga de Marambaia. Eu mesmo já pesquei muita Raia e Cação por ali. Cada Robalo, cada Corvina, meu amigo... Pois essa deu sorte, pois a praia é boa, funda, maré sempre alta. Os biólogos se juntaram aos pescadores, os militares que servem na área deram ajuda, unificaram os esforços e conseguiram libertar a bichona. Deu para vê-la nadando até sumir a caminho do alto mar.

– Aquela que deu muita sorte foi a Jubarte de 25 toneladas que encalhou na Praia Rasa, em Búzios. A tragédia anunciada acabou por se transformar em história de solidariedade: moradores, turistas, biólogos, bombeiros, equipe de salvamento, todos juntos viraram a noite trabalhando ao lado da baleia até conseguir – com a ajuda da maré alta – que ela finalmente fosse solta das areias e seguisse mar adentro.

– O engraçado é que a maioria é do tipo Jubarte. Por que será? Essa daí no Recreio já se sabe a que espécie pertence?

– Ainda não, mas amanhã será notícia nos rádios, jornais e TV.

-Dois-

No dia seguinte não deu outra. Além das notícias na TV, rádio e jornais, toda a vizinhança comentava o assunto:

– Já sabe da novidade seu Izidro?

Izidro nem precisava ouvir qualquer relato. Ele passou toda a infância e juventude entre cadáveres de baleias. Seu avô, Izidoro Pires, foi famoso arpoador lá mesmo na Paraíba, onde nasceu e viveu, antes de vir para o Rio de Janeiro. Ele teve no currículo o abate de centenas, milhares de baleias, sem escolher raça nem idade. Ele perseguiu, arpoou e ajudou a rebocar para a rampa de descarne no porto da Costinha, grandes cetáceos, baleias jovens, filhotes. Para a indústria da baleia vale tudo.

Seu avô Izidoro na juventude era valente, destemido e afoito, qualidades que não servem para caça à baleia. Também nas caçadas baleeiras há que ter paciência como nas pescas marinhas. Pois aconteceu que numa baleação em alto mar de repente do nada surgiu um cachalote, coisa raríssima em mares nordestinos. De imediato o baleeiro desceu um bote para iniciar a perseguição ao bicho. O cachalote sempre foi cobiçado por caçadores de baleia, porque o tamanho, a raridade e o caríssimo espermacete trazem muito lucro aos baleeiros.

Na perseguição, Izidoro tomou posição na proa, pernas abertas, pés grudados, firme no arpão. Seu corpo molhado reluziu ao sol. Para melhor se posicionar, sugeriu ao comando uma manobra para contornar o cachalote, quando de repente a baleia surgiu do nada a seu lado, transformando em arma as enormes barbatanas. Como uma borboleta negra a cauda gigantesca voou e do alto explodiu no mar levantando ondas brancas a vários metros de altura. Quando a névoa se dissipou e as espumas baixaram, os tripulantes procuraram os colegas, mas só acharam remos e destroços do bote. O cachalote mergulhou para as profundezas levando Izidoro e mais quatro remadores consigo.

Portanto, o menino Izidro – que deveria ter sido Izidoro Neto, se não fosse erro de cartório – um dia já caminhou sobre as areias da praia encharcadas de sangue, ouvindo muitas histórias e lendas sobre a caça de baleia.

Agora recebia a notícia da baleia que encalhou na Praia do Recreio – era mesmo uma Jubarte – antecipando seu triste destino: apodrecer na praia sem ser aproveitada, a não ser para estudos biológicos. Fosse como fosse, o fato mobilizou o bairro, pois a ideia que se tem é que se pode fazer voltar ao mar um bicho que pesa mais de vinte toneladas.

Cuidando das próprias tarefas, Izidro de manhã cedo preparou e limpou alguns peixes, que ficaram marinando na geladeira. Limpou

também o excedente da pesca, arrumando a caixa de isopor cheia de gelo, e se dispôs a oferecer aos restaurantes, para levantar uma grana. Fazia sempre assim quando a despensa começava a dar sinais de necessidades: o dinheiro, mesmo miúdo, dava para suprir o estoque de arroz, sal, açúcar, alho, cebola. As verduras para tempero – cebolinha, coentro, salsa, alho porró e outras – ele tinha plantadas em canteiros que contornavam a casa. Hortelã, louro, erva-doce, aipo e manjericão, faziam companhia a pés de boldo e carqueja, indispensáveis para reforço do fígado e limpeza do estômago.

Depois de passar em dois restaurantes vendeu todos os peixes e se dispôs a dar uma olhada na baleia. O local continuava agitado, ainda mais com a presença de repórteres de jornais, rádios e TV. Quase ninguém imagina a dificuldade da operação de salvamento de um cetáceo enorme como as baleias. Próximo dali muita gente tentava ajudar com baldes de água, cavando valas, enquanto a maré vasava, tornando impossível o desencalhe naquele momento.

Entre toda essa gente havia um grupo de biólogos, mais realistas, monitorando o mamífero enquanto calculavam as mínimas probabilidades de salvamento. Alguns deles conheciam Izidro e outros pescadores do local. Ele se aproximou e deu logo a informação:

– Logo mais terá maré alta, bem alta. É maré de lua nova.

Logo a confirmação foi repassada. Izidro se aproximou da baleia. Foi direto na cabeça, nos olhos. Sentiu que ela o olhava com aquele olhar piedoso e doce que só as baleias têm. Pelos olhos ele também sentia se era um animal sadio, novo, capaz de resistir e dispor de forças para ajudar o resgate. A boca arqueada e longa, típica da espécie Jubarte, estava semiaberta. Izidro se voltou para o biólogo e fez a pergunta desnecessária, mas que não podia deixar de fazer:

– Limparam o respiradouro, a boca e a garganta? Tiraram muita sujeira?

O biólogo riu para Izidro, que era por todos mais conhecido, não por ser pescador, mas pela origem baleeira da família e do avô famoso Izidoro Pires. Essa fama o destinou a dar depoimentos nas universidades, era outro meio de subsistência. Muitos dos que estavam ali quando estudantes ouviram palestras dadas por Izidro, a convite da faculdade,

nas quais narrava fragmentos da vida do avô e outros famosos baleeiros nordestinos.

– Limpamos o que foi possível, seu Izidro. Tiramos toda a sujeira. Muito plástico também. Não será por isso que deixará de se salvar – se ela resistir até chegar a maré alta, no pico da preamar.

Pouco tempo depois chegaram alguns equipamentos para auxiliar o desencalhe. Era impressionante a solidariedade: todos queriam ajudar de alguma forma. Mas quando a maré baixou de vez, não teve jeito, a baleia atolou de todo e as pessoas começaram a se desesperar. Muitos fizeram uma espécie de vigília, acampados em volta da baleia encalhada. Baldes, mangueiras de água e litros de soro foram usados para reidratar o animal, na esperança de fazê-lo resistir até chegar a madrugada, quando havia previsão de maré alta.

Os biólogos aventaram a ideia de cavar uma vala que levasse água do mar ao redor da baleia. Certo empresário que tinha obra nas proximidades mandou vir uma retroescavadeira e assim puderam escavar com a agilidade necessária ao empreendimento, o que foi alcançado debaixo de gritos e aplausos da multidão. Repórteres, câmeras de TV, fotógrafos, todos registraram o momento em qua a Jubarte conseguiu ser alojada na pequena cavidade, o suficiente para mantê-la com vida.

Quando a meta foi alcançada, foi possível tomar outras providências para conseguir o desencalhe: conseguiram passar várias cordas no corpo da baleia e atá-las com uma cinta própria para reboque. Depois disso só restava esperar: quando a maré cobrisse mais da metade do corpo da baleia, seria possível amarrar as cordas a um rebocador e puxá-la para águas profundas. Em chegando ali, local onde teria capacidade de nadar por conta própria, afinal seguiria seu curso para a liberdade.

A embarcação estava a postos, a área em volta foi isolada para evitar acidentes, os banhistas foram contidos a uma distância segura. A baleia tinha mais de vinte toneladas, portanto, se uma pessoa fosse atingida pela nadadeira ou pela cauda, o golpe poderia causar danos graves e até a morte. Se algum banhista mais afoito tentasse empurrar o bicho, poderia ficar com os braços ou as pernas presas, até mesmo ser parcialmente esmagado.

O desfecho teve o sucesso esperado e a notícia alvissareira foi divulgada em todos os jornais:

“Uma baleia Jubarte de mais de vinte toneladas encalhou no Recreio nas proximidades da Praia do Pepê. O que poderia ser uma tragédia se transformou em magnífica história de solidariedade: os moradores passaram mais de 24 horas juntando esforços para manter o cetáceo vivo, até que pudessem conseguir as condições técnicas e biológicas favoráveis para fazê-lo retornar ao mar”.
(Diário da Barra)

“A prefeitura e o corpo de bombeiros foram acionados para salvar a baleia encalhada na Praia da Barra. As instituições alegaram não ter equipamentos necessários disponíveis no momento. Devido a pouca a ajuda dos órgãos municipais, moradores se mobilizaram com barcos, equipamentos rudimentares e lanchas de uso recreativo, mas capazes de ajudar de uma forma ou outra. Para ajudar no salvamento, uma retroescavadeira e um rebocador de navio foram trazidos ao local”.
(Barra News)

“Coordenados pelo Corpo de Bombeiros e por universitários biólogos, diversos empresários se mobilizaram para atuar na operação de desencalhe da baleia. Dezenas de voluntários ajudaram e foi graças a esse empenho e dos moradores, que a baleia se manteve viva durante todo o processo, conseguindo ser levada de retorno ao mar. Depois de ver a baleia Jubarte ser retirada da areia e levada à região profunda do mar sã e salva, os moradores trataram de comemorar com fogos de artifícios e gritos de alegria”.
(Recreio em Foco)

Izidro acompanhou todo o movimento de perto. Ajudou no que pôde, sem levar muita fé no salvamento, deixando-lhe forte impressão o esforço de todos para salvar a baleia. Fosse outra ocasião e local, a baleia estaria cercada de gente com facas e facões para retalhar o bicho e conseguir tudo o que pudesse ser vendido ou aproveitado, como um boi atropelado na beira da estrada.

A noite avançava. Vendo que não faria falta alguma ali Izidro tratou de voltar à sua casa, pegar a tralha de pesca, se instalar junto à pedra branca e assim lutar pelo ganha-pão cotidiano. Após o ritual de sempre, atirou o anzol na água, com a distância de dez metros entre as linhas, mais ou menos, se recostou na pedra branca e preparou um baseado de diamba. Fechou os olhos puxando lembranças da infância, quando acordava de madrugada para acompanhar a chegada dos baleeiros no porto.

A partir do acidente e morte do avô, Izidro passou a infância em companhia da avó Áurea, que Deus a tenha. O experiente arpoador foi enterrado lá mesmo onde nasceu – Rio Tinto – cidade próxima a Costinha, onde existia a Estação Baleeira. A viúva Áurea então foi trabalhar no entreposto, fatiando e botando a gordura da baleia para derreter e extrair o óleo.

Ela e o neto madrugavam para a cansativa etapa de oito horas seguidas, até bater o meio-dia. Antes de voltar para casa, os dois passavam no lugar onde ficavam as cabeças das baleias, já despidas de tudo quanto tivesse proveito. Mas ainda se encontrava sobras escondidas entre a mandíbula e a cabeça: vó Áurea sabia onde meter a faca afiada para retirar enormes pedaços de carne, que era separada e recolhida num saco.

Mantas de toicinho entremeadas de nervura também eram extraídas da cabeça e serviriam tanto para banha, quanto para o candeeiro. Cabia a Izidro carregar o saco pesado, com gordura e carne até chegar em casa. Ali a carne era cortada em mantas generosas, de logo salgadas, enroladas em sacos de aniagem e armazenadas em lugar seguro, longe de ratos e varejeiras. Nessa época nunca faltou carne em casa, ao contrário, até sobrava para vizinhos e parentes. A carne da baleia é muito forte, de gosto acentuado, mas bem temperada, assada na brasa ou cosida no feijão, com quiabo, maxixe ou jerimum, quase não se percebia a diferença da carne de boi.

Enquanto a avó trabalhava na carcaça da cabeça, o menino Izidro se entretinha nos olhos da baleia. Como pode? Os olhos pareciam ter vida. Mesmo com a cabeça decepada os olhos pareciam estar cheio de vida, como se estivessem olhando direto para a pessoa. Olhando e acusando pela maldade de que foi vítima. Era o olhar de uma mãe, olhar de ternura, olhos que não avistariam mais a família, o mar, o cardume. Quando mencionou isso ao avô, Izidro ouviu reprimendas e advertências contra feitiços.

– Cuidado, dizia o velho, não fica olhando muito para os olhos da baleia porque ali tem bruxedo. Os olhos da baleia são cheios de magia, é um olhar que enfeitiça, distrai a mente, faz fraquejar os músculos. Ali só tem sortilégio, encanto. É um olhar cuja atração desarma o baleeiro. Quantos eu já vi perecer debaixo da sedução dos olhos da baleia! Se fitar a baleia olhos nos olhos, fica cativo – estando cativo, é derrotado.

Foi assim que Izidoro logo aprendeu a desviar a vista dos olhos da baleia. Para ele o mamífero enorme significava gordura, carne, especiarias – não tinha olhos. Assim, praticamente cego para o olhar das baleias, se tornou o temível baleeiro que virou lenda entre antigos pescadores, assim se transformou em ídolo para as novas gerações que sonhavam um dia estar soberbo na proa, com o arpão pronto para disparar e submeter à terra mais um gigante dos mares.

Mas um dia a pesca da baleia foi proibida, acabou-se tudo, os sonhos continuaram sonhos...

-Três-

Nas horas que sobravam Izidro provocava a avó para que lhe contasse as histórias e memórias que ela guardava sobre o velho Izidoro. Assim ele acumulou material, que depois viria a disseminar nas palestras e entrevistas. A vó Áurea não se fazia de rogada, gostava até. Assim passava horas contando contos e invenções verdadeiras, até que o sono derrubasse o menino na rede.

Teu avô costumava acordar cedo e seguir para a estação baleeira antes que os animais caçados fossem alçados à rampa. No meio da faina apressada quando se preparava o corte das barbatanas, do couro a separação do toicinho da carne, ele se encaminhava para a cabeça, que era a primeira peça a ser decepada. Ali se detinha nos olhos da baleia. Desde o começo Izidoro pareceu sentir que a baleia falava com o olhar.

Algumas baleias chegavam à rampa ainda vivas, mas isso só era percebido pelos olhos do cetáceo, que se reviravam tresloucados de dor, implorando misericórdia. Para Izidoro o olhar da baleia rezava, implorava, o olhar se despedia, dava adeus, mas na maioria das vezes era olhar que transmitia um sentimento de doçura.

Foi assim desde menino e quando Izidoro cresceu, ficou troncudo, de braços fortes, foi logo encaminhado para trabalhos mais pesados. Começou a conhecer e manejar tanto o canhão de arpão, quanto o arpão manual, treinado por arpoadores mais experientes.

O arpão era feito com um tubo de aço de mais ou menos dois metros de comprimento, com a lança pontuda, fortemente soldada na extremidade, cuja lâmina larga e afiada cintilava ao sol. Completava o corpo da arma um cabo de madeira embutido e parafusado, revestido de borracha áspera para facilitar o manuseio. Dentro do tubo tinha estopim, espoleta, dinamite e jornal socado. Depois o tubo era fechado com barro ou cimento seco, para que a descarga não saísse pela culatra. Se isso ocorresse – advertiam os veteranos – seria a morte certa do arpoador.

Em seguida Izidoro começou a treinar a usar arpão nos botes atracados na praia. Aprumava-se na proa ereto, equilibrando o corpo com os pés firmes no piso e seguindo as ordens do mestre arpoador fazia inúmeros lançamentos ao mar. Dentro em pouco estava apto para acompanhar a caça à baleia. Nas cinco primeiras viagens foi como remador, uma semana após teve a estreia confirmada pelo mestre: eles tinham como favas contadas que o menino seguiria os passos dos filhos de Rio Tinto. A vida do mar estava na veia desses pescadores de olhos enrugados pelo sol e sal, seus descendentes já nasciam envenenados pelo canto das sereias.

Em alto mar, de imediato ao avistamento das baleias, começava a perseguição: os botes eram lançados, cada qual com sua presa predeterminada. Izidoro recebeu lugar no arpão manual e ordem do mestre para ir à proa, lado a lado do arpoador do canhão. A perseguição fazia fervilhar as águas, os gritos excitados do capataz, dos remadores e dos marinheiros que estavam a bordo, faziam subir a adrenalina dos arpoadores. A água salgada corria pela face, caía nos lábios, mas os olhos estavam fixos na presa. O bote de Izidoro emparelhou com a baleia e ele se preparou para o ataque, músculos retesados, olhos fixos no alvo, antes da metade do corpo do cetáceo.

Quando a cabeça passou ao lado da lancha a vista de Izidoro se fixou nos olhos da baleia. Os músculos afrouxaram, ele se desconcentrou ante o olhar que carregava inúmeros sentimentos. O mestre sentiu que a hora chegara e deu o comando:

– Agora, Izidoro! Agora!

Izidoro arqueou os braços e o arpão zuniu no ar, mas não tinha nem a força, nem a precisão necessárias para penetrar na baleia. O

arpão cintilou ao sol, ricocheteou deixando um rasgo no couro da baleia e caiu no mar.

– Izidoro! O que você fez?

Nem mesmo Izidoro sabia o que tinha ocorrido. Com certeza foi aquele olhar, foi os olhos lacrimejantes que imploravam pela vida. O mestre se aproximou, tomou o cabo das mãos de Izidoro e recolheu o arpão de volta. Segurou os ombros de Izidoro, atônito:

– O que você fez Izidoro? O que você fez? Presta atenção, ouça bem! Foi esse bicho que matou o teu avô! Foi ele que matou o teu avô, deixou tua avó viúva e os filhos órfãos!

A partir de então Izidoro se transformou. A caça à baleia virou uma guerra de fúria e fogo. Desde os filhotes, que eram imolados até a mãe a ser arpoada e morta, aos mais valentes cachalotes, centenas de milhares sucumbiram ao míssil em que o arpão se transformou quando saía do canhão de Izidoro. A sanha assassina em que ele transformou a profissão de arpoador correu fama no mundo baleeiro: Izidoro era o vingador do avô morto por um cachalote.

Como os heróis medievais, Izidoro Pires teve a vida cantada em prosa e versos de cordel. Em 1980 a pesca da baleia foi extinta, a estação baleeira de Costinha cerrou as portas e todos os funcionários e arpoadores foram demitidos. Izidro foi para o Rio de Janeiro.

-Quatro-

Naquela noite Izidro manteve o ritual. Era quinta-feira, choveu durante o dia e agora persistia uma garoa consistente, interminável. Véspera de lua cheia, ele previa maré alta, estimando a preamar ao entrar da madrugada: conjunto de condições que deixam qualquer pescador animado. Izidro projetou a noitada para conseguir entre dez e vinte quilos de pescados, porque sexta-feira é dia de restaurante comprar para o sábado e domingo. Devido à chuva, a praia estava deserta e silenciosa, bem diferente dos dias agitados do salvamento da baleia.

Acomodou a tralha toda junto à pedra branca e atirou as linhas separadas por dez metros, fincou a espera e voltou para a base. Serviu café

da garrafa térmica, saboreado em lentos goles. Depois preparou um cigarro de maconha e ficou olhando o céu cor de chumbo e breu. Por quatro vezes repetiu o ritual, enquanto a caixa de isopor recebia como hóspedes três robalos, dois espadas e quatro corvinas. Mal atirava o molinete na praia e via com satisfação a linha retesar, cortando em largos lances a espuma das ondas. De vez em quando o peixe fisgado saltava dando cambalhotas no ar, para depois se entregar, vencido pelo cansaço.

Com o pico da preamar próximo a chegar, Izidro resolveu fazer o último lançamento e voltar para casa. O semblante feliz tinha razão na boa colheita do dia, ou melhor, da noite. O objetivo que tinha em mente ao iniciar a pesca foi plenamente alcançado, portanto não havia motivo para esticar mais a hora até de manhã. Ademais, a meia-noite passou, a madrugada começava a invadir a escuridão e o chuvisco persistente fazia estragos no corpo enrugado. Atirou as linhas, se recostou na pedra branca de olhos fechados, baforando o gosto amargo e doce da maconha.

Izidro não soube por quanto tempo ficou assim, nem mesmo se cochilou ou dormiu. Ele foi acordado com o choque de uma onda forte e grande que lhe cobriu todo o corpo da água salgada e fria, atirando a tralha contra a pedra. Sem saber de que se tratava, a primeira reação foi salvar a caixa térmica com os pescados. Como estava pesada, cheia de peixes e gelo, a onda quase não mexeu com ela. Mesmo assim Izidro pegou o isopor, as tralhas de pesca, juntou tudo e levou para longe, em lugar protegido já perto da estrada. Enquanto isso as ondas se repetiam com alguma violência, mas de forma estranha e localizada – tudo ocorria só naquele lugar.

O pescador correu de um lado para outro, verificando a situação das linhas e tentando entender a razão daquele pequeno tsunami, já que ao longo da praia a situação parecia normal, mesmo para dias chuvosos. A mais de vinte metros para dentro do mar a escuridão era quase total – visibilidade zero, mesmo para os olhos enrugados acostumados ao sal, ao sol e à noite cheia de reflexos. No entanto, bem defronte do seu posto de pesca, um movimento anormal das ondas ergueu uma coluna espumosa, repetida uma, duas, três vezes.

Izidro tinha a vista acostumada mais no anoitecer que na claridade do dia. Desde o crepúsculo, quando o lusco-fusco toma conta da boca da noite e a escuridão engole a penumbra, cobre as sombras com o véu das trevas, a visão de Izidro como que virava olhos de gato, de bichos

noturnos. Apurando o olhar ao extremo varou todo o espaço à frente para se fixar numa forma anormal, diferente de tudo quanto tinha visto. Só após alguns segundos varando com minúcia a escuridão, os olhos de Izidro divisaram, na distância de quinze ou vinte metros de distância, entre a praia e o mar, depois da arrebentação, uma elevação cinza-escura resfolegando de tempos em tempos: era o corpo imenso e negro de uma baleia. Não era alucinação provocada pela maconha, não era conto, mentira de pescador, não.

Izidro estava atônito. Mesmo se tratando de pescador experiente, filho e neto de baleeiro, homem do mar, ele jamais tinha assistido espetáculo igual àquele. Naquele momento ele estava só. Buscando por toda extensão da praia desde que tinha chegado, não localizara nenhum pescador. Ninguém havia se aventurado a pescaria com o tempo naquelas condições: friorento, úmido, chuva persistente, maré de ondas altas e perigosas. Assim desamparado, sem alguém que pudesse compartilhar, ele teve que enfrentar aquele espetáculo exclusivo, arquitetado pela natureza.

Seu instinto, porém, falou mais alto e antes que a contemplação se transformasse em show, antes que o espírito de recreação tomasse conta da ocorrência, como aconteceu com a baleia encalhada na Praia da Barra, ele tratou de procurar salvação. Vendo assim de longe deduziu que a baleia ainda não estava atolada na areia, mas logo isso logo ocorreria, bastando chegar a maré vazante, o que estava próximo de acontecer. Tinha de agir. Agora não se tratava de distração, brincadeira concebida pela natureza, Izidro estava prestes a enfrentar algo jamais imaginado, um acidente provocado por forças desconhecidas.

Tirou a camisa, a calça e se atirou ao mar. Deu algumas braçadas fortes para vencer a arrebentação e em poucos segundos estava cara a cara com a baleia. De novo seu olhar se fixou nos olhos candentes do cetáceo e quase ele se perdeu na contemplação hipnótica. Procurou evidências de que não se tratava se encalhe suicida, como alguns sustentam, fazendo paralelo entre a atitude das baleias e dos elefantes quanto se encontram próximos da morte. Reparou que o respiradouro estava silencioso, não exalava aquele ar expressivo de quem anela por oxigênio, necessário às baleias. Resolveu examinar o bicho e, fazendo da barbatana trampolim, como as asas dos aviões, Izidro conseguiu atingir o respiradouro.

Começou por tirar folhas e algas que se prendiam na superfície, depois enfiou o braço e tirou um sem número de garrafas pet, sacos plásticos. O suor se misturava à água e escorria pelo rosto, pelo corpo do pescador, consequência da árdua tarefa. Já com o braço enfiado ao máximo alcançou a colmeia de uma rede de pescar de mais ou menos dez metros, que encontrou enfiada no fundo do respiradouro da baleia. Depois dessa última tarefa, como se o gigante despertasse de um sufocamento, começou a ouvir o som crescente, um grunhido cavernoso. Era o borbulhar, o começo do refluxo das águas expiradas para o ar – depois viria a explosão. Num reflexo espontâneo e rápido ele tirou o braço do respiradouro, se virou em direção às águas e saltou o mais longe que pôde.

Em segundos o borbulho se transformou no estrondo que ocorre quando a baleia expele grande quantidade da água acumulada na imersão, em verdade um líquido quente e viscoso capaz de provocar sérias queimaduras se alguém for atingido. Izidro teria que evitar também o hálito da baleia, que é frequentemente acompanhado de um cheiro tão insuportável que causa uma perturbação no cérebro. Assim, num átimo, Izidro buscou fuga rápida no mesmo instante que sentiu a baleia se mover em arremessos laterais e tratou de se movimentar, ele próprio, para distância segura.

O pescador navegava por águas perigosas e não tinha nada, nenhum equipamento, senão seu próprio corpo, para ajudá-lo a escapar do risco de morte a que estava submetido. A maré atingia mais da metade do cetáceo, o que a ajudou a realizar uma manobra salvadora: remando para trás e para os lados com as próprias nadadeiras e com a ajuda da cauda, a baleia conseguiu girar o corpo sobre si mesmo e ficar de frente para o mar. Bastou repetir mais três vezes esses movimentos, sincronizados e ágeis, para que a baleia em pouco tempo fixasse a cauda em direção da praia, movimento que dava condições de iniciar as remadas rumo ao oceano.

Ao preparar-se para fugir em direção à praia, de novo Izidro se viu lado a lado à cabeça da baleia e quando seus olhos se cruzaram ele teve a mesma sensação de que o olhar da baleia tinha vida própria. Lembrou-se do conselho do avô para não manter o olhar fixo nos olhos da baleia porque eles têm bruxaria. É a mais pura verdade: os olhos da baleia são cheios de magia que enfeitiça, distrai a mente, faz fraquejar os músculos. Ali só tem sortilégio, encanto.

Já na praia, sujo de limo, lodo e areia, Izidro acompanhou o resfolegar da baleia na luta para ganhar alto mar. Superando aos saltos algumas poucas dunas submersas, o cetáceo ganhou velocidade. A última coisa que Izidro viu foi a cauda se alçar, meneando como lenço de adeus, para adquirir o impulso irrefreável que a arrojou às profundezas, deixando atrás de si apenas um refluxo espumoso logo engolido pela escuridão.

FIM

Rio de Janeiro, Cachambi, março/maio de 2018.